

AVALIAÇÃO DAS UNIVERSIDADES E AS ESCOLAS MÉDICAS

Um comentário*

1. Considero convictamente que o texto do colega Gil Ferreira publicado neste número da Acta Médica Portuguesa, com o título **Avaliação das Universidades e as Escolas Médicas: opções inadiáveis, perigos inevitáveis**, é de (re)leitura(s) obrigatória(s) para todos quantos estão eticamente responsabilizados na árdua tarefa que consiste em operar a mudança da Universidade Portuguesa do que é para o que deve ser: uma Universidade funcionalmente capaz do exercício da missão da instituição universitária.

A perspectiva da análise é tão ampla no tempo e no espaço e a reflexão é tão rica (servida por uma linguagem expressiva, em que se harmonizam e reciprocamente se evidenciam a elegância e a contundência) que só à terceira tentativa é que consegui: *uma análise e um comentário* (solicitados pelo meu querido Amigo Sales Luís) cuja extensão não excedesse a que é de uso num Editorial. Digo isto para que se fique a saber por que me limito ao que considero ser o essencial, lamentado não fazer análise e comentário muito mais desenvolvidos, como o estudo merecia e eu gostaria.

2. Creio não trair a intenção do Autor ao dizer que o essencial da mensagem pretende comunicar está escrito no penúltimo parágrafo:

Perante esta situação a preocupação fundamental não deve ser tornar as Universidades mais económicas mas mudar-lhes o funcionamento e investir progressivamente mais, controlando o investimento pelos progressos na qualidade (o acentuado é meu).

Porque toda a palavra é sempre equívoca, o Autor indica com clareza o que entende por este **funcionamento-outro**, por **avaliação** e por **qualidade** (e denuncia e rejeita outras interpretações que por aí andam).

Claro que quanto ao governo dar mais dinheiro às universidades, todos – docentes, alunos, funcionários – baterão palmas. Mas quanto a elas mudarem o seu funcionamento depender da qualidade (qualidade da *produção*, idoneamente, continuamente e multiplamente avaliada)... quanto a isto os aplausos sinceros não serão muitos e só não haverá apupos porque...

É posta portanto sobre a mesa uma proposta de acção bietápica:

1.º Mudança de funcionamento e aumento de investimento, para que se verifiquem as condições indispensáveis a produção de trabalho de qualidade, em contínuo progresso.¹

O Autor tinha demonstrado a necessidade absoluta de substancial reforço das dotações financeiras (*as nossas universidades têm uma estrutura e uma gestão que (...) se moldou a um regime de penúria em que praticamente todo o financiamento que recebem se destina ao pagamento de salários*) e chamou a atenção para que, só por si, mais dinheiro não é requisito suficiente (*O Programa Ciência pôs a nú o facto de que no dia em que o regime de penúria desaparecer, se isso acontecer, as universidades não estarão preparadas para gerir os fundos adicionais*).

Daí a necessidade da associação simultânea de **mudança de funcionamento e aumento de investimento**.

* Comentário relativo ao artigo *Avaliação das Universidades e as Escolas Médicas: Opções inadiáveis, perigos inevitáveis*. H. Gil Ferreira. (577-589)

2.º Avaliar a evolução da qualidade e, em função dos resultados, ir regulando os investimentos (a caracterização desta avaliação – quem, como, para quê – e largamente desenvolvida).

3.º **Como** conseguir *mudar-lhes o funcionamento*, às universidades?

O Autor apresenta diversas, concretas e Interessantes sugestões.

O cerne da dificuldade neste domínio está em que, do meu ponto de vista, a (grande?) maioria dos docentes (em que inclui não poucos com significativa produção científica) e dos alunos não está interessada na mudança: a sua mentalidade adaptou-se estruturalmente ao ambiente porque dele tiram partido². Ora o desencadeador e propulsor da dinâmica de mudança é o **quer mudar (livre, responsável e forte) da parte dos universitários**.

4.º Creio que chegou o espaço de terminar.

Desculpem-me que conclua citando-me a mim mesmo, mas vem muito a propósito da questão que expus no número anterior:

*(...) sugiro um empreendimento que considero prioritário: a identificação das causas da inércia em que neste domínio estamos atolados, a identificação das causas dessas causas e a efectivação das estratégias que as anulam ou, na impossibilidade disso, as contornem, com a perícia do **drible** de um ás do futebol³.*

JOAQUIM PINTO MACHADO

1. O Autor designa genericamente por *espaço intelectual* essas condições, em que inclui o **tempo** para se poder *investigar, ler, discutir e comparar experiências*. Isto também diz respeito aos alunos, acrescento eu.
2. Por exemplo: quanto aos docentes, os feudalismos de departamentos e de disciplinas e a quase absoluta liberdade de fazerem e não fazerem, quanto aos alunos as reprovações sistemáticas (por desleixo ou incapacidade) sem prescrição e as aprovações com 9,5 valores.
3. Educação Médica, 1992; 3: 61.

P.S. Do muito que fica por analisar e comentar destaco três questões em que estou directamente envolvido, como Presidente do Conselho Directivo da Faculdade de Medicina do Porto, a dos **orgãos de gestão** e a de **rácios**; como membro da comissão reitoral de avaliação da Universidade do Porto (no âmbito da experiência piloto do Conselho dos Reitores Europeus, em que participam também uma universidade holandesa – a de Utrecht – e uma universidade Sueca a de Goteborg), a da **avaliação das universidades**.

Direi apenas:

1. Quanto a **orgãos de gestão**, que a sua tricefalia e, por si mesma, agente de entropia e, portanto, de reforço do *statu quo*;
2. Quanto a **rácios**, que: a) além da aberração de não considerarem a investigação, parece que dos cursos só serão tidos em conta as licenciaturas; b) são inaplicáveis no ciclo clínico de Medicina por razões pedagógicas e ético-deontológicas;
3. Quanto à **avaliação das universidades**, que a experiência em curso na universidade do Porto (actualmente na fase de redacção do relatório de auto-avaliação a submeter em Outubro aos três avaliadores estrangeiros, os quais, em Novembro, o discutirão *in loco*, **depois do que elaborarão o seu parecer**) tem sido muito proveitosa em ordem ao *conhece-te a ti mesmo* que, obviamente, e o pré-requisito fundamental para que haja consciência da necessidade de mudança.